MÍDIA FOTOGRÁFICA: ARTE, INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E GÊNERO

Helena Ap. Gica Arantes
USC (Universidade Sagrado Coração)
helenaarantes@terra.com.br

RESUMO

Com o surgimento da fotografia na mídia, ampliou-se a possibilidade de leitura, fazendo com que o leitor lesse não só o verbal, mas também o não-verbal, pois uma característica do leitor moderno é a agilidade com que se recebe as mensagens, com mais consciência do que memória; é um leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. Assim, cada vez mais, a imagem tem sido usada na comunicação: como apoio informativo - ela é um veículo, meio pelo qual codifica e decodifica a mensagem e o transporte deste veículo é o papel fotográfico, tornando-se como forma de expressão informativa; como arte-fotografar vem realizar um sonho tão antigo quanto o próprio homem: reter e fixar, gravar e conversar com as imagens da nossa percepção visual, vista como uma série ordenada de símbolos organizados pelo artista que, como resposta, o receptor preenche com símbolos de seu repertório particular, em busca de interpretação; como documentação – é uma testemunha ocular, não apenas prolonga a visão natural, como também descobre outro tipo de visão, atrelada ao referente que testa a sua existência e todo processo histórico que o gerou. Ler uma fotografia midiática implica em reconstituir no tempo seu assunto, derivá-lo no passado e conjugá-lo a um futuro virtual e, por último, como gênero – é articularmente privilegiada porque se fixa na imaginação do público leitor, com poder de persuasão, dotada de gramática própria, estética e ética peculiar . Com base nestas ideias, selecionamos duas fotos de jornais diferentes que falam sobre o mesmo assunto, em que faremos uma análise, embasando-nos nos pressupostos teóricos de Iser e Jauss (Estética da Recepção) além de Roland Barthes.

Palavras-Chave: Leitura, Mídia Fotográfica, receptor

A fotografia por Roland Barthes

> "O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente".
>
> Roland Barthes

A fotografia é uma mensagem. A informação e os acontecimentos cotidianos modernos realizam-se com ajuda visual proporcionada pela fotografia. É uma necessidade contemporânea mostrar de maneira mais visível e inteligível os acontecimentos que ocorrem na atualidade.

A leitura das fotografias é sempre no fundo uma leitura privada do seu referente: a idade da fotografia corresponde precisamente à irrupção do privado no público. Ela, através de sua linguagem, dá um pouco de verdade.

O olhar fotográfico tem algo paradoxal que às vezes encontramos na vida. Diríamos que a foto separa a atenção da percepção e liberta apenas a primeira, impossível sem a segunda; trata-se, da coisa aberrante, de uma *noese*, sem noema, um ato de pensamento sem pensamento, uma mirada sem alvo.

O olhar se insiste (e ainda mais se perdura), atravessa com a fotografia o tempo, o olhar é sempre virtualmente louco: é ao mesmo tempo efeito de verdade e efeito de loucura, por isso a fotografia torna-se ao mesmo tempo cansativa e exclamativa.

A fotografia não é apenas um produto ou uma via; é também um objeto, dotado de uma autonomia estrutural, não é isolada, comunica, pelo menos, com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo) que acompanha toda fotografia de uma imprensa.

As informações são transmitidas em duas estruturas heterogêneas: a linguística, a substância da mensagem é constituída por palavras; e a outra a fotografia com linha, superfícies, tintas. Ambas ocupam espaços reservados, contíguos, mas não são homogeneizadas.

O texto constitui uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem, pois a imagem já não ilustra a palavra; é a palavra que, estruturalmente, é parasita da imagem.

Atualmente há amplificação da imagem ao texto: a conotação já não é vivida pela analogia fotográfica; estamos, pois, perante um processo caracterizado de natura-

lização cultural. O efeito da conotação é diferente conforme o modo de apresentação da palavra; quanto mais a palavra está próxima da imagem, menos parece conotá-la, a mensagem verbal parece participar na sua objetividade, a conotação da linguagem torna-se inocente através da denotação da fotografia; não há uma incorporação verdadeira, visto que as substâncias das duas estruturas - a gráfica e a fotográfica - são irredutíveis, mas há provavelmente graus na amálgama. A legenda tem um efeito de conotação menos evidente do que o título ou o artigo pela grafia do que o artigo pela distância. Um, porque rompe; o outro, porque afasta o conteúdo da imagem. Ao contrário, a legenda, pela sua própria disposição, pela sua medida, média de leitura, parece duplicar a imagem, isto é, participará na sua denotação.

Desta forma, é impossível que a palavra "duplique" a imagem, porque na passagem de uma estrutura para outra se elaboram fatalmente significados segundos. A relação destes significados com a imagem é uma explicitação, o texto não faz ampliar um conjunto de conotações já incluídas na fotografia; mas, por vezes, o texto também produz, inventa um significado inteiramente novo e que é de certo modo projetado na imagem, a ponto de parecer denotado. Às vezes, também, a palavra pode até contradizer a imagem de maneira a produzir uma conotação compensatória.

Graças ao código de conotação, a leitura da fotografia é sempre histórica; ela depende do saber do leitor, como se tratasse de uma língua verdade, inteligível apenas se soubessem os signos. A linguagem fotográfica lembra certas línguas ideográficas, em que unidades analógicas e unidades sinaléticas estão misturadas, com a única diferença que o ideograma (sinal que exprime as ideias das palavras) é vivido como um signo, enquanto a "cópia" fotográfica passa pela denotação pura e simples da realidade. Encontrar este código de conotação, seria, pois, isolar, inventariar e estruturar todos os elementos históricos da fotografia, todas as partes da superfície fotográfica que o tem seu descontínuo até de um certo saber de um leitor, ou situação cultural.

Como lemos uma fotografia? O que captamos? Em que ordem, segundo que itinerário? O que captar?

A fotografia é verbalizada no próprio momento em que é captada. Nesta perspectiva, a imagem aprisionada é imediatamente passada por uma metalinguagem interior, que é a língua. Como toda língua toma partido sobre as coisas que conota o real, e a leitura depende estreitamente da cultura e do conhecimento de mundo, é provável que uma boa fotografia de imprensa se sirva facilmente do saber suposto de seus

leitores. Assim, procede o jornalista ao escolher as provas que comportam a maior quantidade possível de elementos, de maneira a euforizar a leitura.

Haverá sempre texto sob ou à volta da imagem. Hoje, os meios de comunicação de massa têm a presença da mensagem linguística: como o título, legenda, artigo de imprensa, como *fumetto*; a escrita faz parte da estrutura informativa. A presença da mensagem linguística, devido a sua extensão, não parece pertinente. Um texto longo pode não comportar senão o significado global devido à conotação, e é este significado que entra em relação com a imagem.

Toda imagem é polissêmica implicando, subjacente aos seus significantes, uma cadeia flutuante de significados dos quais o leitor pode escolher uns e ignorar outros. A polissemia produz uma interrogação sobre o sentido e esta interrogação aparece sempre como uma disfunção, mesmo que esta disfunção seja recuperada pela sociedade sob a forma de jogo.

A FOTOGRAFIA COMO ARTE

A arte de fotografar vem realizar um sonho tão antigo quanto o próprio homem: reter e fixar, gravar e conservar as imagens da nossa percepção visual. Mas é preciso que não nos esqueçamos que a fotografia reduz, enquanto objeto manuseável, o espaço físico de três para duas dimensões e que, a princípio, era em branco e preto. A imagem, captada do mundo físico externo, torna-se plana e estática, sensível apenas quando observada. Um texto universo composto por símbolos estéticos, cujo significado se explica através de uma série de associações com outros símbolos. Enquanto objeto estético, a fotografia pode ser vista como uma série ordenada de símbolos organizados pelo artista que, como resposta, o receptor preenche com símbolos de seu repertório particular, em busca de interpretação.

O processo integra emissor e receptor, característica fundamental da arte. Essa tentativa de eternizar o universo ao redor e passar para a pedra, madeira, tela, celuloide nossas impressões, é complexa demais e velha não menos. O homem, sendo um ser criativo – criador, usa de sua criatividade no sentido de tentar dividir a solidão (partindo do princípio de que o artista comunica algo profundo de si, enquanto sentimento do mundo, para algo profundo do outro, enquanto sentimento da vida).

A fotografia aparece como arte quando o fotógrafo descobre no objeto fotografado alguma coisa que a pintura não deixa entrever.

Desse modo, a fotografia fica sendo o prolongamento da mão do artista, *homo faber* submisso ao homem criador. E sua força reside em ser documento, registro e reação para com a realidade.

Somente com a máquina, o homem criativo-criador não constrói. Aliada à técnica, sua sensibilidade de artista reconstrói e recria, captando algo desconhecido e profundo enquanto indivíduo único, milagre separado dos demais mistérios.

Segundo, Freud (1995, p. 185):

> Nas tendências atuais podem distinguir-se duas grandes correntes: os fotógrafos para os quais a fotografia é um meio de exprimir, através de seus próprios sentimentos, as preocupações de nosso tempo. Preocupam-se com os problemas humanos e sociais, são fotógrafos empenhados. Para outros a fotografia é um meio de realizar as suas aspirações pessoais com o domínio da arte. Em qualquer dos casos podem ser criadores ou simples artesões, mas são ambos descendentes daqueles que, após meio século de estagnação, voltaram a dar à fotografia o seu prestígio.

1. A FOTOGRAFIA COMO INFORMAÇÃO

A Fotografia é uma das formas artísticas que foi grandemente contestada no que diz respeito ao seu valor de representação. Ela foi de encontro a um meio artístico que não era acostumado a uma forma de reprodução tão concreta. Mas não foram somente as técnicas de reprodução que se viram confrontadas com a fotografia. De acordo com Walter Benjamin, a fotografia aprazaria o fim do próprio capitalismo, ao transformar autenticidade de um fato em bem de consumo.

Podemos entender que a fotografia causava impacto na sociedade antes mesmo de ser presenciada. Exercia uma presença alucinatória bem antes de sua invenção oficial.

Transpondo tal constatação para os meios de comunicação, é correto citar a afirmação de Marshall Mcluhan quando expressa que o "meio é a mensagem (o meio, ou veículo, é a mensagem). Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio, ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos, constituem o resultado do novo em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos."

A fotografia transforma o tempo em espaço e o espaço em tempo. A colocação foi bem argumentada por Roland Barthes, em Câmara Clara, que notou que a fotografia lhe dava uma idéia de morte, pois na imagem é gravada uma presença no tempo que não existirá mais. A fotografia, diz ele, nos proporciona um "isto será" e um "isto foi", em uma única e mesma representação.

Tal posicionamento nos leva a entender a questão da unicidade e do valor tradicional de uma obra de arte propostos por Walter Benjamin, quando ele define aura como aparição única de uma coisa e nos relata se um objeto, alguma obra em geral, é retirada de seu contexto histórico, a mesma perde seu valor de representação. Também nos lembra nesta mesma linha de pensamento que essa desvalorização da aura é agravada pela nossa necessidade irresistível de possuir o objeto, de tão perto quanto possível na imagem, ou antes na sua cópia, na sua reprodução, fazendo com que cada vez mais se busque uma arte para ser reproduzida e que é tão trabalhada para que atinja o efeito no consumidor, tornando-se o objeto de desejo, admiração ou repúdio, que nos leve a um começo de pensamento. Daí podermos concluir haver a possibilidade de se criar uma informação para nós mesmos; mas que, se não for novamente representada, não será aceita como verdadeira.

É seguro dizer que a imagem fotográfica, sendo ou não uma forma segura de comunicação, causa um impacto social e político na medida que percebemos que seu conteúdo é uma das coisas mais valorizadas em uma sociedade estabilizada na obtenção e consumismo.

1.1 A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTAÇÃO

Sendo a fotografia um veículo impregnado de signos, esta tem uma importância fundamental como canal/veículo, pois nada mais é que um signo, uma imagem processada tecnicamente, que pode ser interpretada e visualizada por milhões de pessoas. Tudo isso só vem certificar da importância que a fotografia midiática tem em nossa cultura.

Este suporte midiático apresenta-se ao público de diferentes maneiras: ornamentação, ilustração, cartaz, fotografias em jornais, fotografias publicitárias, montagens, fotonovelas, além do cinema. Assim, a era da imagem, imposta pelas novas tecnologias e pelo discurso midiático, fez da fotografia um suporte muito utilizado em re-

vistas e jornais para identificação e desvendamento de mensagens, além de exercer um tipo de motivação para compreensão das mensagens. A partir disso, tornou-se parte fundamental das publicações e, na atualidade, está presente em todos os modernos meios de comunicação, como a internet, o jornal, a propaganda impressa, cinema, além de auxílio de realização de pesquisas, documentação social, documentação científica, entre outros.

Dentre as mídias citadas, a nossa pesquisa centra-se na fotografia por ser um signo icônico ao jornalismo. A interpretação desses signos é necessária para o entendimento da mensagem, a fotografia utilizada como suporte facilita a interpretação dos mesmos. As fotografias são detentoras de significados, ou seja, tornam-se mensageiras de identidades ideológicas e auxiliam na construção de mensagens nas quais aparecem.

Uma mensagem deve conter um código linguístico capaz de ser compreendido por todos os indivíduos do grupo social ao qual é destinado. A linguagem fotográfica icônica, utilizada nos meios de comunicação de massa em questão em nossa sociedade atual, deve ser considerada privilegiada, pois se caracteriza de tal forma permitindo que os indivíduos de um grupo social se comuniquem por meio de seus respectivos códigos linguísticos. Logo, as mensagens utilizadas pelos meios de comunicação de massa devem ser dispostas de tal forma que o conteúdo da mensagem possa recebido por uma maior quantidade de alvos.

Assim, determinados códigos sociais, como determinadas formas de arte, modos de expressão, são codificadas e imobilizadas pelos meios de comunicação de massa, pois são configurados de uma maneira relativamente rápida para que haja uma veloz aceitação pelo receptor ideal.

Pode–se afirmar que a fotografia utilizada nos meios de comunicação de massa também é suporte, pois ela é considerada analógica ao seu objeto real, já que não se utiliza a fotografia de um objeto para transparecer outro. Mas também não é um retrato fiel da aparência fiel do real por completo, pois não se veicula apenas uma mensagem referencial. Em sua preparação há uma carga muito grande de conotações, sendo estas múltiplas e complexas.

A imagem do objeto não é o objeto em si, não pode ser e não deve ser confundida com o próprio, pois a fotografia de algo real constitui em outro algo. Essa transformação do objeto em um outro vem sendo muito empregada. Os meios de comunica-

ção de massa utilizam-se dessas grandes quantidades de cargas conotativas para obter um maior sustentáculo para as mensagens veiculadas.

Uma das principais utilizações da fotografia como suporte e complementação encontra-se na mídia impressa. O texto se faz acompanhar de algumas mensagens e vice-versa. As fotografias se tornam acompanhantes de caixas de textos na tentativa de tornar a notícia mais provocativa, explicativa, ou mesmo aparecem como pura ilustração. Esse discurso sincrético é um meio eficiente de persuadir, pois a mídia contemporânea se serve de imagens ancoradas no verbal e vice-versa para persuadir de forma eficiente, que pode levar os indivíduos a darem respostas com a emoção e não com a razão apenas. A linguagem visual é o meio perfeito de comunicação capaz de criar esses efeitos. Ela é constituída por imagens e estas por sua vez, conforme Platão (in JOLY, 1996, p. 13 – 14).

> Chamam de imagens em primeiro lugar as sombras, depois os reflexos que vemos nas águas ou na superfície de corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações do gênero.

Imagem, portanto, seria um objeto segundo com relação a um outro que ela representaria de acordo com certas leis particulares, esquematizando visualmente as pessoas e os objetos do mundo real (JOLY, 1996, p.14). No campo da arte, a noção de imagem vincula-se essencialmente à representação visual: afrescos, pinturas, ilustrações decorativas, iluminuras, desenho, gravura, filmes, vídeo e fotografia. Ela também é um núcleo de reflexão filosófica. Desde a antiguidade Platão a defende e Aristóteles a combate pelos mesmos motivos. Para o primeiro, por imitadora, ela engana e desvia da verdade, pois seduz as partes mais fracas da alma. Para o segundo, ela educa e leva ao conhecimento ao ser eficaz pelo próprio prazer que se sente com isso.

Entendemos que a imagem visual é um discurso. Como quem constrói o discurso tem a sua disposição uma série de possibilidades para construir sua ideia, ao elaborarmos um discurso fazemos uma seleção de elementos para transmitir uma mensagem. Esses elementos combinados dentro do espaço textual, começam a agir entre si produzindo a significação do texto: de modo sintagmático, de sentido excludente; paradigmático, de sentido somatório.

Por ser a fotografia uma representação da realidade, ou seja, uma imagem e, essa, um discurso, esse procedimento também ocorre quando um fotógrafo seleciona o ângulo que vai revelar. Assim, ele escolhe entre os elementos que vê o que deseja mostrar ou esconder, dando, portanto, um ponto de vista ideológico determinado a sua imagem, ou seja, ele adentra o seu discurso enunciado, deixando nele suas marcas e-

nunciativas. Conforme Greimas e Courtés (1979), entende-se discurso enunciado como sendo a voz do enunciador que aparece em primeira pessoa dentro do enunciado, dando uma aproximação entre a entidade enunciadora e a voz que fala por ela dentro do discurso. O discurso é enunciativo quando a voz que narra fala de um ele como voz intermediadora do discurso do outro.

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diversos tipos de signos equivale a considerá-la como um discurso e, portanto, como uma ferramenta de expressão e de comunicação. Seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitui uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro somos nós mesmos.

1.2 . A FOTOGRAFIA COMO GÊNERO

A palavra gêneros sempre foi bastante utilizada pela retórica e pela literatura com um sentido especificamente literário, identificando os gêneros clássicos – o lírico, o épico, o dramático – e os gêneros modernos da literatura, como romance, a novela, o conto, o drama etc.

Mikhail Bakhtin – pesquisador russo que, no início do século XX, se dedicou aos estudos da linguagem e da literatura – foi o primeiro a empregar a palavra gêneros com um sentido mais amplo, referindo-se também aos tipos textuais que empregamos nas situações cotidianas.

Assim, determinadas fotografias jornalísticas são particularmente privilegiadas porque se fixam na imaginação do público leitor, com um poder de persuasão. São consideradas fotografias que induzem o leitor a viver e a interpretar a notícia.

Um dos estudos efetuados pelo autor Marques de Melo (1972, p. 143) afirma a importância no estudo da fotografia como gênero ao jornalismo:

> Considerando a importância da imagem nas revistas semanais, julgamos significativo um estudo especial das fotografias que ilustram as mensagens de informação jornalística. Trata-se, portanto, de uma análise de conteúdo de fotografias como recursos fundamentais do jornalismo interpretativo.

O autor utiliza-se desse termo interpretativo, pois certamente em alguns momentos, determinadas fotografias são utilizadas como recursos de retenção e interpretação de mensagens, empregadas pela atual imprensa.

No caso do gênero jornalístico, a fotografia pode aparecer e variar conforme a ênfase atribuída a um texto ou a uma imagem em questão. Há alguns casos em que a fotografia utilizada nesses meios de comunicação aparece como simples ornamento ou ilustração, para iluminar ou autenticar a notícia, fazendo com que o público leitor possa verificar a autenticidade dos fatos relatados.

O fotojornalismo não pode ser definido apenas como objeto de apoio, pois a mesma fotografia destinada à publicação dos meios de comunicação impresso, principalmente nos jornais, partilham de uma comunhão com os vários fatores fotográficos. Ou seja, há uma interligação entre os vários fatores fotográficos e o jornalismo como o retratam, a paisagem, fotografia histórica, fotografia artística e a factual, sendo que esses fatores devem estar em comum acordo com os valores estéticos e interpretativos contidos em uma fotonotícia. Todos esse valores devem estar presentes para poder informar com facilidade e precisão.

Mas existem determinadas e importantes fotografias jornalísticas que vão além da simples ornamentação ou complementação. Estas exploram de tal forma as imagens de que são detentoras, fazendo-se passar por uma fonte primária de informação, utilizado-se do texto somente para a chamada, o convite à leitura.

Para Paul Almasy (apud LIMA, 1988, p. 17 – 18), a explicação de tamanha utilização da fotografia no jornalismo é a seguinte:

> A explicação espacial da cultura, da política, das relações sociais pode ser percebida. E isso é uma coisa que a fotografia capta mais e melhor do que qualquer outra fonte de informação. Dessa forma as informações que podem sair da fotografia são ilimitadas.

Nota-se nesse caso que existe, além de uma complementação ou apoio, a utilização da fotografia que chega a subordinar o texto em questão.

Assim, verifica-se que existem casos em que o texto simplesmente se subordina à fotografia, dando à notícia/matéria uma explicação que, sem a utilização da fotografia, talvez não fosse veiculada com tal clareza.

Os meios de comunicação de massa, principalmente os jornais, utilizaram no passado a fotografia como simples ornamento, passaram para a ilustração e hoje a fotografia é utilizada pelo jornalismo como um produto universal de linguagem simbólica. Ou seja, na atualidade, a fotografia passou a ser utilizada pela grande maioria dos jornais como um produto de signos visuais, com uma finalidade utilitária: tendo como destino o consumo pelas massas.

A fotografia midiática é um texto, é uma mensagem. Para Barthes, ela reproduz ao infinito o que só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente, por isso tem muita importância na comunicação. Atualmente a informação gráfica se realiza com a ajuda visual que é proporcionada pela fotografia. Imagem e texto passam a "conversar" para compor matérias jornalísticas. É uma necessidade mostrar para o leitor, de forma mais visível, os acontecimentos.

O homem moderno entende melhor o que vê e concebe as ideias através da linguagem visual. Esta linguagem está sendo cada vez mais utilizada na comunicação midiática, integrando-se com o texto escrito na elaboração da mensagem, devido a sua fácil reprodução e difusão.

A utilização desta ferramenta visual tem proliferado nos últimos anos como consequencia da magnífica resposta que tem dado o leitor. E algumas fotos constroem mini-narrativas que referendam e, às vezes, trazem preciosos enriquecimentos aos textos verbais.

É a competência discursiva do leitor que determina se a imagem tem efeitos informativos e também de opinião, por isso aparecem diferentes sentidos para idênticas imagens, pois a decodificação "literal" da proposta visual se completa com o universo do leitor, ou seja, de acordo com seu repertório, bagagem cultural e ideológica, que provocará diversas interpretações. É o poder da diversidade das possíveis conotações que converte, na comunicação por imagens, em polissemias, desencadeando um processo de significação que vai além da representação literal.

É claro que a fotografia – linguagem visual- é um conjunto multifacetado de circunstâncias, pois o fotojornalista imprime, exprime a sua subjetividade, levando em conta a ideologia do jornal em que trabalha e também o leitor-alvo.

A *Folha de São* Paulo, na sua edição de 05/06/04, publica em sua primeira página duas fotos contraditórias: à esquerda manifestantes italianos contra a presença de tropas de seu país e de outros na ocupação do Iraque; à direita Bush é recebido pelo Papa, também na Itália. Além da presença dos dois protagonistas, Bush e Papa, estão presentes também na foto dois índices. Uma tela de Fra Angélico, dividida em dois planos: no primeiro os santos da Igreja que acenam com ramo de murta e, no segundo plano, Nossa Senhora ajoelhada como se recebesse os rogos e as preces. Entre Bush e o Papa vê-se uma Bíblia aberta, sendo impossível localizar sua mensagem.

Num ato de leitura já há uma contradição nestas duas fotografias, entre guerra e paz, Bush e o Papa. Tal contradição faz com que o leitor tenha, num ato reflexivo, a sua construção de sentido. Um outro detalhe está no ato ilocutório em que o líder americano olha para o Papa, mas o líder religioso volta o olhar para o povo, ou seja, para o leitor.

Considera-se ainda que a foto à esquerda - dos manifestantes - é mais enfática e mais agressiva do que a da direita, sendo um ato persuasivo da inoperância e da agressão ao Iraque.

O jornal *Agora*, na mesma data, publica em sua primeira folha a foto de Bush e do Papa, sem a tela pintada e a Bíblia. Abaixo da foto lê-se uma manchete "Papa dá uma dura em Bush".

Os dois protagonistas têm gestos diferentes: Bush com as mãos cruzadas sobre a perna, no sinal de inação e ouvinte; já o Papa, com o dedo indicador em relação ao presidente dos EUA ,indicia sua autoridade como pastor de todos os cristãos. Enquanto o presidente está sendo advertido ,ele olha para o vazio, alheio ao que está sendo falado.

No ato da leitura pode-se inferir que é este gesto que revela e conduz as palavras do Papa a Bush.

Comparando os dois jornais, observa-se que a posição de Bush é a mesma das duas fotos, mas não é o que acontece com a gestualidade papal, tendo uma mão sobre a sua cadeira e a outra espalmada como se tivesse realizando um ato ilocutório. Das duas fotos publicadas, em jornais da mesma empresa, destinados a púbicos diferentes, depreende-se ser a foto da *Folha* a mais agressiva e mais polissêmica, enquanto que a do *Agora* revela autoridade papal e uma fala cujo suporte é o próprio gesto.

As duas fotos na *Folha* estão colocadas no mesmo plano e formam uma antítese entre guerra e paz. O mesmo acontece no jornal *Agora* em que a divisão entre guerra e paz está representada respectivamente pelos protagonistas Bush e Papa.

NÃO PERCA
Hoje
Ganhe a nova revista SHOW TV

ANO 6 Sábado, 3 de junho de 2004 Nº 1903
1ª edição
São Paulo
AGORA

PRESENTE PARA O LEITOR
Hoje
Novo caderno Máquina
Veja o melhor financiamento para você comprar o seu carro zero
Economize até R$ 175
Junte 4 selos e ganhe uma revisão de pneus, suspensão e freios
Pastilhas também são gratuitas
Os classificados mais em conta de São Paulo
Recorte a cartela na página A-15
A mais completa tabela de novos e usados

SORTEIO DE R$ 45 MILHÕES
Saiba quais são os números que mais saíram na Megasena

Justiça quebra o sigilo de toda a família Maluf

ROSA É BOA
Paulistana ganha prêmio para beber com Juliana Paes

Papa dá uma dura em Bush

DEVASSA BANCÁRIA E FISCAL DECRETADA PARA APURAÇÃO DE REMESSA ILEGAL DE DINHEIRO AO EXTERIOR ATINGE HULHER, FILHOS, NORA E GENRO DO EX-PREFEITO

RESPOSTA
"Minha vida é um livro aberto", diz ex-prefeito

JULGAMENTO
Defesa de atirador vai tentar anular pena de 120 anos

EM NOME DA LIDERANÇA
VALE TUDO PARA SER TITULAR

DEGOLA
Tite faz listão e afasta seis do elenco do Timão

SAIU O CALENDÁRIO
Aposentados recebem os atrasados no dia 14

DENÚNCIAS...
PUSA VOMA A POLÍTICA BURGUESA O ESTADO BANGUNDO DE TODA A MANDA MARTUAL
TOMAT UM VOSSOPANO PAZEA PEA ALMAR, JÃO, PAQUÊ...

VAGAS
Polícia Civil abre concurso para 650 carcereiros

R$ 1,30

FOLHA DE S.PAULO
São Paulo, sábado, 5 de junho de 2004

Pesquisa do IBGE mostra diferenças raciais no mercado de trabalho
Negro tem menos emprego; branco ganha 105% a mais

DESEMPREGO ENTRE BRANCOS
Nas regiões metropolitanas 11,1%
Rendimento médio mensal R$ 1.096
Média de anos de estudo 9,8 anos
Entre os ocupados 9,5 anos
Entre os desempregados

DESEMPREGO ENTRE NEGROS E PARDOS
Nas regiões metropolitanas 15,3%
Rendimento médio mensal R$ 535
Média de anos de estudo 7,7 anos
Entre os ocupados 8,0 anos
Entre os desempregados

Concorrência é menor para estudante de cotas na UnB

Papa critica EUA durante visita de Bush ao Vaticano

Lula ataca lentidão do governo e pede gastos

Justiça quebra sigilos fiscal e bancário da família Maluf

Brasil elogia Hugo Chávez por acatar plebiscito

HOJE É DIA NACIONAL DE VACINAÇÃO CONTRA A PÓLIO

CIÊNCIA
Gene emagrece e faz viver mais

ÉSPORTE
Jogadores de Cuba ganham US$ 10 ao mês

SEM GREVE, COM FILA

ÍNDICE

OPINIÃO
EDITORIAIS
Mortes no zôo ainda são mistério

FOLHINHA

ATIMAS 2004
RECEBA AMANHÃ O 1º FASCÍCULO DE SÉRIE SOBRE AS OLIMPÍADAS

Assim, a interpretação vai além da descrição ao construir significados. Isto não é algo determinado ou imposto pela mídia, embora vise a um consumidor enquanto produto final do seu marketing, pois o fundamental é a história pessoal de cada um e as possibilidades de inferências a serem produzidas durante a leitura.

A leitura, segundo Roger Chartier (1999), é sempre apropriação, invenção e produção de sentidos. É claro que os sentidos não se esgotam no plano meramente conceitual, que fica na superfície, mas sim no plano profundo; pois na medida em que se lê, constrói imagens, que se interligam e se completam, e também se modificam, apoiando-se nas pistas verbais e visuais fornecidas pelo emissor. Assim, o ato de ler não é aleatório. É um processo que deve ser planejado em função dos objetivos a serem atingidos, ou seja, a formação do leitor.

Ao ler, o leitor entra em contato com dois pólos: o do conhecido, que fornece a facilidade da acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto e o desconhecido, que é a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. A tensão entre estes dois polos alarga o horizonte cultural do leitor.

O texto é uma estrutura organizada de sentidos possíveis, permite ao leitor um interação direcionada, na qual ele reconhece os significados que lhe são familiares ou enfrenta os desconhecidos, mas com indicações que o auxiliam a aceitar ou pelo menos criticar o novo e, ao mesmo tempo, situar-se a esse em relação ao que já aceita ou passa a rejeitar.

Este processo implica a participação ativa e criativa daquele que lê. Diferentes tipos de textos e de leitores interagem de modos imensamente variados. O leitor, ao defrontar-se com o texto, traz consigo toda sua bagagem de experiências linguísticas e sociais, que deve mobilizar a partir de provocações e lacunas que o texto propõe. Estas provocações e lacunas é que dão lugar para a interpretação.

Assim, o leitor, através do diálogo com as diversas linguagens verbais e visuais, obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. A Câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. O óbvio e o obtuso. São Paulo: Edições 70, 1982.

BENJAMIN, W. Obras escolhidas, vol.1, São Paulo, Brasiliense, 1987.

BURKE, P. Testemunha ocular: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CHARTIER, R. Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1999.

COLOMBO, F. Conhecendo o Jornalismo Hoje. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

COSTA, C. Ficção Comunicação e mídias. São Paulo: SENAC, 2002.

DONDIS, D. A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUBOIS, F. O ato fotográfico. Capinas – SP: Papirus, 1993.

FERREIRA JUNIOR, J. Capas de Jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual. São Paulo: SENAC, 2003.

FREUND, G. Fotografia e Sociedade. Ribamar: Vega, 1995.

GROSSI, F.S. A fotografia e a Ação Verbal: Relações entre a imagem fotográfica e o Texto. Bauru: UNESP, dissertação, 1994.

ISER, W. O ato da leitura. V 1. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. O ato da leitura. V2. São Paulo: Ed. 34, 1999.

JAUSS, H. R. A História da Literatura Como Provocação à Teoria Literária. São

Paulo: Ática, v.36, 1994.

JOLY, M. Introdução à análise da imagem. 6ª. Ed. Campinas – SP: Editora Papirus, 2003.

JOUVE, Vicent. A leitura. São Paulo: UNESP, 2002.

KOSSOY, B. A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo: Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, 1980.

_____ . Fotografia e história. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. Cotia – SP, 2002.

LIMA, I. A fotografia é a sua Linguagem. Rio de Janeiro: Espaço y Tempo, 1988.

MANGUEL, A. Lendo Imagens: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____ Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. Texto e Discurso: mídia, literatura e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SÁ, L. S. B. de Castro. Da criação à Globalização: Michelangelo e o processo de recriação. Bauru, UNESP, Tese, 2004.

SALZEDAS, N. A. M. Uma leitura do ver: do visível ao legível. São Paulo: Arte & Ciência Vilipress, 2001.

SANTAELLA, L. três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imerso. Revista Líbero, São Paulo, v.5, n.9-10, p.30-39, semestral, 2002.

ZILBERMAN, R. Estética da Recepção e História da Literatura. São Paulo: Ática, 1989.

_____, SILVA, E.T. Leitura: Perspectivas Interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1998.